



## ANÁLISE DE UMA FEIRA AGROECOLÓGICA NO MUNICÍPIO DE ARARAQUARA – SP

Analysis of an agroecological fair in Araraquara - SP

Augusto Paschoalino<sup>1</sup>, Vera L.S.B. Ferrante<sup>2</sup>, Henrique C. Duval<sup>3</sup> e Manoel B. B. da Costa<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente estudo analisa uma feira de perspectiva agroecológica em Araraquara – SP. Utilizou-se o método estudo de caso e técnicas da observação direta, diário de campo, entrevistas abertas e pesquisa documental para coleta de dados, e da matriz FOFA como auxílio na análise. A feira ocorre há três anos, conta com seis barracas de agricultores. A principal oportunidade atual é a oficialização no Programa Municipal Negócio do Campo.

**Palavras-chave:** Agroecologia. Circuitos Curtos de Comercialização. Feira de Orgânicos. Autonomia.

### ABSTRACT

This study analyzes an agroecological fair in Araraquara – SP. It used the case study as method, with the techniques of direct observation, field diary, open interviews and documentary research for data collection. It also used the SWOT matrix as an aid in data analysis. The fair has been taking place for three years and counts with six farmers' tents. The main current opportunity is to be officialized in the local public program that supports agricultural commercialization.

**Keywords:** Agroecology. Shorts Circuits. Organic Fair. Autonomy.

<sup>1</sup> Professor substituto Instituto Federal de Mato Grosso, campus Primavera do Leste (IFMT/PDL). E-mail: augusto.paschoalino@gmail.com

<sup>2</sup> Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da Universidade de Araraquara (UNIARA). E-mail: vbotta@techs.com.br

<sup>3</sup> Professor adjunto da Universidade Federal de São Carlos, campus Lagoa do Sino. E-mail: henriquecarmona@hotmail.com

<sup>4</sup> Professor do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da Universidade de Araraquara (UNIARA). E-mail: baltasar@uol.com.br

**Recebido em:** 25/03/2020

**Aceito para publicação em:** 27/08/2020

**Correspondência para:**

augusto.paschoalino@gmail.com

Uma das características centrais da agroecologia é a busca pela autonomia social, cultural e econômica, dos camponeses e do campo, frente às pressões externas. Dessa forma, ela se apresenta como um modelo de agricultura pautado em valores que prezam pela autonomia do agricultor e do ambiente agrícola de produção, assim como pela redução da demanda e dependência de energia e insumos externos. Tendo a expansão da autonomia como orientação, a agroecologia se baseia na venda direta da produção, aproximando produtores e compradores com, no máximo, um intermediário entre esses elos, nos chamados “circuitos curtos de comercialização”. Dentre as modalidades de circuitos curtos destacam-se as feiras de alimentos. Saquet e Meira (2017) afirmam que as feiras, além de ser um elo direto entre produtores e consumidores, valorizam a produção local e abrem margem para a reprodução de aspectos identitários, materializando o modo de vida camponês nas cidades.

Wuerges e Simons (2007) discutem a necessidade de viabilizar políticas públicas e parcerias interinstitucionais, para instrumentalizar a proposição do desenvolvimento local com base na agroecologia. Segundo os autores, a consolidação de feiras de caráter agroecológico é imprescindível para a popularização do consumo de alimentos orgânicos como uma alternativa às grandes redes varejistas.

Costa (2017) expõe que as primeiras feiras especializadas em hortifrutigranjeiros de produção alternativa foram criadas no final da década de 1980 e início de 1990, com a criação da feira organizada pela Associação de Agricultores Biológicos do Estado Rio Janeiro (Abio) no Rio de Janeiro, em 1985, da feira da Colmeia em Porto Alegre, em 1989, e da feira da Associação de Agricultura Orgânica (AAO) em São Paulo, em 1991.

Para Anjos et al. (2005), as feiras possuem grande potencial como espaço de comercialização e socialização, viabilizando o comércio local, gerando ocupações, e possibilitando o controle da procedência dos alimentos. Os autores asseguram que o estudo reflexivo sobre feiras é importante, pois estes podem oferecer subsídios que qualifiquem a atuação do poder público, oferecendo dados sobre suas dinâmicas de funcionamento, o que auxiliaria na implementação de políticas públicas.

Nesse contexto, a presente nota tem por motivação principal apresentar os resultados sobre estudo e acompanhamento sistemático no decorrer dos três anos de existência de uma feira de perspectiva agroecológica, denominada “Da Roça para a Mesa”, no município de Araraquara interior do Estado de São Paulo. Sendo assim, objetiva caracterizar a feira em questão e analisá-la, destacando suas forças e oportunidades, bem como suas fraquezas e ameaças, no intuito de trazer elementos para fortalecer a consolidação da feira no município.

O estudo, de abordagem qualitativa, utilizou-se do método do estudo de caso, para aprofundar a caracterização e análise do universo empírico em questão. O *locus* da pesquisa é o espaço físico da feira, que ocorre nas tardes das terças-feiras na Praça da Fonte Luminosa (anteriormente no pátio da unidade IV da UNIARA). Os sujeitos da pesquisa foram os agricultores-feirantes de participação relevante. Não foram levados em consideração os demais feirantes que não fossem agricultores.

Seguindo o método de estudos de caso, a coleta dos dados foi feita através das técnicas da observação direta, da utilização do diário de campo e de entrevistas abertas com os agricultores-feirantes, em visitas periódicas e semanais, no decorrer de 18 meses, entre agosto de 2017 e fevereiro de 2019. Também foi utilizada a pesquisa documental, através da consulta de leis, regulamentos e atas. Os dados coletados serviram como base para a caracterização da feira, bem como para a análise através da ferramenta da matriz SWOT/FOFA, com o intuito de mapear e ilustrar, de forma clara e objetiva, as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças.

A criação da feira “Da Roça para a Mesa” deriva da formação de um grupo de agricultores familiares, participantes dos cursos de capacitação durante o primeiro ano do projeto “Pesquisa-ação e Construção de Proposta Agroecológica para a Agricultura Familiar da Região Central do Estado de São Paulo”, financiado pelo Edital 039/2014 MDA/CNPq. A partir deste projeto foi criado na UNIARA o Núcleo de Estudo e Extensão em Agroecologia (NEEA), com apoio de outro núcleo já consolidado na universidade, o Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural (NUPEDOR).

Os primeiros cursos ofertados por membros dos Núcleos aconteceram nos assentamentos rurais do município, tendo como público alvo os agricultores familiares assentados. Os principais temas abordados nos cursos de capacitação foram o manejo ecológico do solo, a produção e utilização de biofertilizantes, a importância da compostagem e a utilização de insumos orgânicos na prática agrícola.

Os agricultores que aderiram ao projeto passaram a ser acompanhados e vistoriados regularmente. Os primeiros resultados se deram com a substituição dos insumos químicos pelos orgânicos, conforme as capacitações, alinhando seus objetivos na produção com os princípios agroecológicos e criando processos de construção do conhecimento em torno da produção dos próprios insumos.

Além das ações de capacitação, os membros dos Núcleos propuseram outras ações no campo da produção, do processamento e da comercialização. Uma das propostas, formulada junto aos agricultores, foi realizar uma feira dentro da UNIARA. Um passo fundamental para materializar a ideia foi a criação de duas Organizações de Controle Social (OCS), sediadas uma em cada assentamento do município.

Desta maneira, a proposta de criação da feira teve dois objetivos principais: incentivar os produtores que estavam em processo de transição agroecológica, com a abertura de um espaço para a comercialização da produção, e melhorar a oferta de alimentos saudáveis com preços justos em Araraquara/SP (NEEA, 2017).

A primeira feira ocorreu em agosto de 2016, no interior da Unidade IV da UNIARA e durante dois anos seguiu ocorrendo ali. Em agosto de 2018, após acordo realizado com a Prefeitura Municipal de Araraquara e o Departamento Autônomo de Água e Esgoto (DAAE), a feira passou a ocorrer na Praça da Fonte Luminosa, no bairro da Vila Harmonia, o que acarretou em maior visibilidade.

Oficialmente, a feira inicia às 16h30min, e os feirantes costumam chegar entre às 15h30min e 16h00min para montagem das barracas. As barracas não são padronizadas, cinco delas são de agricultores assentados, duas do Assentamento Monte Alegre, sendo uma representando a Associação de Mulheres Assentadas (AMA) do Monte Alegre; e três do Assentamento Bela Vista, sendo uma representando a Associação das Mulheres Camponesas em Ação (AMCA), do Bela Vista. Além destas, há uma barraca de agricultor não assentado, que produz cogumelos, totalizando seis de agricultores. Há, também, outras barracas de não agricultores com produtos diversos, que vão desde instrumentos musicais até composteira doméstica e óleos terapêuticos.

Os principais produtos da hortifruticultura são: diferentes tipos de alfaces, rúcula, almeirão, agrião, espinafre, mostarda, taioba, repolho, brócolis, couve-flor, salsinha, cebolinha, coentro, ora-pro-nobis, capuchinha, cenoura, beterraba, mandioca, batata doce, rabanete, caxi, açafraão, maxixe, abóbora, berinjela, tomate, banana, limão, maracujá, manga, acerola, amora, pitanga, jaca, dentre outros. As associações de mulheres, (AMA e AMCA) levam também pães, bolos e geleias de frutas. Além disso, há cogumelos tipo shimeji e shiitake levados pelo agricultor não-assentado.

A renda semanal varia conforme agricultor, sendo em torno de 600 reais o que mais arrecada, e em torno de 150 reais os que menos arrecadam. É consenso entre os agricultores que o valor arrecadado é bastante satisfatório pelo tempo que permanecem no espaço (das 16:30-19:30). Ainda mais quando se compara com outras feiras que fazem, onde passam no mínimo o dobro de horas e arrecadam a mesma quantia.

Agregado ao tempo que desprendem na comercialização durante a feira, há outros inúmeros processos como a montagem e desmontagem das barracas, também o tempo despendido no campo com a produção, colheita, seleção, empacotamento, além do deslocamento do Assentamento até a Praça. Esses processos causam dificuldades que causam constantes faltas de alguns agricultores, como é o caso das mulheres da AMCA.

**Tabela 1.** Sobre a renda dos agricultores participantes da Feira

Amostragem	Produto	Quantidade	Renda aprox. (R\$)	Assentamento	Vinculo O.C.S.	Membro Associação
Agricultor1	Hortifrúti	40 caixas	600	Bela Vista	O.C.S Bela Vista	Não
Agricultor2	Hortifrúti	18 caixas	300	Monte Alegre	O.C.S. Monte Alegre	Não
Agricultor3	Hortifrúti, geleias e pães	4 caixas	150	Bela Vista	O.C.S Bela Vista	Sim, AMCA
Agricultor4	Pães, bolos e geleias.	8 caixas	300 a 350	Monte Alegre	Não	Sim, AMA
Agricultor5	Hortifrúti	16 caixas	300	Bela Vista	O.C.S. Bela Vista	Não
Agricultor6	Cogumelos	15kg	300	Não-assentado	O.C.S. Bela Vista	Não

Em relação à sociabilidade, é perceptível que as relações interpessoais não são somente econômicas, mas também afetivas e simbólicas. O espaço físico, propício à socialização e ao desenvolvimento de capital social e cultural, possibilitou articular diversos saberes, fortalecendo redes de contatos alternativas. Percebe-se que ali acontece a materialização do movimento agroecológico em Araraquara, ocorrendo à aglutinação de pessoas com interesse nesse movimento, o que supõe a postura destes sujeitos em romper com os padrões dominantes de consumo. Além disso, são realizadas diversas oficinas de formação, como as de compostagem e argiloterapia, as práticas de tai-chi, além de atividades artísticas, como música ao-vivo e contação de histórias.

Segundo regulamento interno, a feira tem seus princípios e valores balizados pela agroecologia, pela economia solidária, pela segurança alimentar, pelo comércio justo, pelo respeito ao meio ambiente e pela autogestão. O modelo de gestão, portanto, se propõe a ser auto gestor e co-construído pelos participantes. Os principais atores institucionais são a Universidade de Araraquara, através do NUPEDOR/NEEA; a Prefeitura Municipal, pela atuação da Coordenadoria de Agricultura; o DAAE, responsável institucional pela Praça da Fonte; e, por fim, no âmbito institucional operacional, a Comissão Gestora, formada por membros dos nichos orgânico e artesanal, por representantes do NEEA/NUPEDOR e por consumidores da feira. Fica sob a responsabilidade da Comissão discutir questões sobre a dinâmica, gestão e divulgação, além de acolher os novos integrantes, instruir sobre as condições de participação, os princípios da feira e sobre o regulamento interno.

A coordenadora municipal da agricultura sinalizou o interesse em inserir a feira no Programa Municipal “Negócio do Campo”, que regulamenta outras feiras do município, dessa forma ela entraria como uma modalidade específica do Programa, mantendo seu regulamento interno como documento oficial. A inserção no Programa resguardaria a feira oficialmente, através de lei municipal. A expectativa é que até o fim do mandato municipal atual ocorra à incorporação ao Programa.

Através da matriz SWOT/FOFA foi possível sistematizar aspectos relevantes observados na feira “Da Roça para a Mesa” (figura 1). No primeiro quadrante das “forças” inerentes ao ambiente interno, foram listados sete aspectos relevantes, cabendo observar que eles não estão dispostos em ordem de importância. O primeiro deles, diz respeito ao ambiente propício à socialização e solidariedade encontrada na feira. O clima que paira no ambiente é de acolhimento e reconhecimento mútuo, o que difere drasticamente dos ambientes encontrados em varejos convencionais e mais ainda em grandes supermercados.

Enquanto, o segundo aspecto, diz respeito à existência de clientela fidelizada. Há não menos que trinta consumidores que vão semanalmente à feira, e muitos outros que vão frequentemente e já estabeleceram laços estreitos com os feirantes. Os consumidores gastam quantias consideráveis e têm a feira como prioridade para suas compras, na maioria dos casos justificado pela qualidade e frescor dos produtos, por saberem a procedência, e por serem alimentos orgânicos.

	<b>Forças</b>	<b>Fraquezas</b>
<b>Ambiente interno</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Socialização e solidariedade</li> <li>- Clientes fidelizados</li> <li>- Perspectiva de Autogestão</li> <li>- O.C.S.</li> <li>- Apoio de Núcleos de Pesquisa/Extensão</li> <li>- Espaço para atividades culturais e formação</li> <li>- Única feira de orgânicos do município</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inconstância de alguns produtores</li> <li>- Baixo número de feirantes</li> <li>- Produção poderia ser mais diversificada</li> </ul>
	<b>Oportunidades</b>	<b>Ameaças</b>
<b>Ambiente externo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupo de consumo/célula de consumidores responsáveis</li> <li>- Oferta a funcionários do DAAE</li> <li>- Constituição de C.S.A.</li> <li>- A produção orgânica virar uma política pública municipal oficial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perda de apoio da Prefeitura e DAAE</li> </ul>

**Figura 1.** Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA) da feira Da Roça para a Mesa.

O terceiro aspecto é a perspectiva auto-gestionária regulamentada. Essa característica coloca em interação os feirantes e consumidores mais envolvidos, ou seja, os principais agentes da feira, no papel de tomadores de decisões referentes ao cotidiano e ao ambiente da feira, empoderando esses agentes. Afinal, são eles os principais interessados no sucesso do coletivo e os que mais têm conhecimento das necessidades.

O quarto aspecto diz respeito às OCSs que, além de possibilitar a declaração certificando a procedência orgânica dos hortifrúteis ofertados, possibilita encontros e trocas constantes entre os membros, propiciando intercâmbios sobre práticas e conhecimentos agroecológicos, bem como fortalecendo as relações entre agricultores.

O quinto aspecto é a ação dos Núcleos da Universidade. A relação do NUPEDOR/NEEA com a feira é bastante próxima, o que possibilita, por um lado, o apoio e tutoria da Universidade ao coletivo da feira, como na mediação do diálogo com o poder público, no auxílio em questões jurídicas e burocráticas, assim como na organização de atividades de capacitação e formação. Por outro lado, abre espaço para a realização de pesquisas contínuas, por parte de acadêmicos e professores, sobre o universo da feira.

O sexto aspecto é relativo à realização de atividades culturais e de formação. A Praça da Fonte possui uma área bonita e espaçosa que possibilita atividades culturais e de formação diversas, como apresentações musicais, feiras de trocas de sementes, rodas de conversa, atividades voltadas à culinária, dentre outras. Há uma fértil possibilidade de atividades no ambiente, que dinamizam o espaço e atraem novos consumidores.

O sétimo aspecto diz respeito à feira “Da Roça para a Mesa” ser a única de produtos orgânicos do município, ofertando qualidade diferenciada em seus produtos hortifrutigranjeiros em relação às demais feiras.

O segundo quadrante é referente às “fraquezas” encontradas no ambiente interno da feira, que não foram listados por ordem de importância. Destacam-se: Um primeiro aspecto diz respeito à inconstância de alguns agricultores, que por diversos motivos acabam faltando constantemente. Há, especialmente, dois que não estão presentes semanalmente, como um agricultor do Assentamento Monte Alegre e da agricultora representante da AMCA, do Assentamento Bela Vista. Os motivos variam, mas são, sobretudo, por questões financeiras e dificuldades com transporte. Houve períodos em que a ausência foi justificada pela perda da produção por aspectos climáticos, como fortes chuvas. Mesmo que a maioria dos agricultores seja assídua e os motivos das faltas sejam justificáveis, a constante falta

destes citados é prejudicial à feira como um todo, tanto pelos “buracos” no ambiente, como pelo fato de consumidores irem atrás de seus produtos específicos e não os encontrarem.

Um segundo aspecto é o baixo número de feirantes. Quando todos estão presentes, agricultores e não agricultores, o número total não ultrapassa 12, o que, se comparado a outras feiras do município, como a da Praça Pedro de Toledo, é um número baixo. Cabe salientar, porém, as especificidades da feira. Mesmo assim, o baixo número limita as possibilidades de diferentes produtos.

O terceiro aspecto diz respeito à diversidade dos produtos. Ainda que haja uma boa oferta de produtos, essa oferta poderia ser mais diversificada, sobretudo em relação a frutas e grãos, como melancia, melão, caju, morango, caqui, milho, feijão, ervilha, caruru, azedinha, vinagreira, dentre outros.

Dentre as oportunidades relacionadas ao ambiente externo, ou seja, não diz respeito apenas à feira em si, mas dependem de outros fatores, foram listadas quatro possibilidades, não necessariamente em ordem de importância, que destacamos:

A primeira oportunidade vislumbrada para a feira é a criação de um grupo de consumo, também conhecido como célula de consumidores responsáveis, tal qual a iniciativa do Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar (LACAF) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), associado à Rede ECOVIDA. No caso, seriam ofertadas cestas com valores pré-determinados ao grupo de consumidores interessados, facilitando a organização da produção com a demanda pré-estabelecida. A comunicação poderia ser feita através de aplicativos como o Whatsapp. Cabe salientar que já existe um grupo de consumidores da feira com Whatsapp, entretanto, o grupo troca informações gerais, mas não funciona como um grupo específico de consumo.

A segunda oportunidade diz respeito à oferta conjunta aos servidores do DAAE. Está associada à ideia do grupo de consumo, porém, neste caso, seria um grupo específico dos servidores do DAAE, tendo em vista que a autarquia está agregada à Praça da Fonte, e conta com grande número de servidores. Essa medida poderia ter algum apoio institucional da própria autarquia, ou simplesmente uma ação independente, apenas se valendo do fato da proximidade entre a Feira e o DAAE. Atualmente, mesmo tendo sido feita a divulgação em algumas oportunidades, há pouquíssimos servidores que compram na feira, e muitos nem mesmo a conhecem.

A terceira oportunidade é a formalização de uma Comunidade empenhada na produção e sua comercialização. Semelhante ao grupo de consumo, a Comunidade que Sustenta a Agricultura (C.S.A.) tem como princípio a divisão de responsabilidade entre agricultor e consumidor. Dessa forma, seria estabelecida uma cota semestral ou anual atrelada à produção dos agricultores, o que permite que consumidores recebam produtos sem custos adicionais à sua cota, e um melhor planejamento por parte dos agricultores. A ideia de responsabilidade compartilhada já é bastante presente na feira “Da Roça para a Mesa”, sendo perceptível a existência de relações de confiança entre consumidores e agricultores, o que facilitaria acordos de maior prazo, como é o caso de uma C.S.A.

A quarta oportunidade diz respeito à incorporação oficial da feira pelo poder público. Existe a intenção de inseri-la no Programa Negócio do Campo por parte da Prefeitura, entretanto, essa possibilidade ainda não se concretizou. É conveniente o respaldo oficial e a incorporação como uma modalidade específica do Programa, pois permitiria a feira manter suas características diferenciadoras, como a oferta estrita de hortaliças e frutas orgânicas, e o viés da autogestão e economia solidária.

A principal ameaça listada foi a de perder o apoio da Prefeitura e do DAAE, o que, na prática, acabaria com a feira. O acordo com a Prefeitura, mais especificamente com a Coordenadoria de Agricultura e com o DAAE é semioficial.

A feira ocorre com apoio dos órgãos municipais. Entretanto, em um eventual futuro de troca de gestão municipal, ou troca de superintendente do DAAE, esse apoio poderia não ocorrer mais, o que afetaria diretamente a realização da feira. A inserção no Programa Negócio do Campo, ou alguma outra forma de institucionalidade oficial, resguardá-la-ia dessa ameaça.

Em suma, a feira “Da Roça para Mesa” apresenta inúmeros potenciais para fortalecer a proposta agroecológica e seus valores no município, como a popularização do mercado de produtos orgânicos, o reconhecimento do trabalho no campo, o engajamento de agricultores e consumidores no consumo consciente e o respeito ao meio ambiente. Há, também, dificuldades e desconfianças, tanto internas como externas, que devem ser melhor analisadas em conjunto com a comunidade da feira, para que possíveis soluções possam ser discutidas em uma perspectiva mais ampla. É imprescindível que a comunidade da feira pressione o poder público para que deem o respaldo necessário, oficializando a feira no Programa Municipal.

### Referências

- COSTA, M. B. B. **Agroecologia no Brasil: histórias, princípios e práticas**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2017.
- NEEA. **Pesquisa-ação e construção de proposta agroecológica para agricultura familiar da região central do estado de São Paulo**. Relatório Técnico Chamada CNPq 39/2014, 2017. 138p
- ANJOS, F. S. dos; et al. **As Feiras-livres de Pelotas sob o Império da Globalização: Perspectivas e Tendências**. 1. ed. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2005. 197p.
- SAQUET, M. A.; MEIRA, R. **Redes curtas de comercialização: a proximidade política, pessoal e espacial da articulação entre o rural e o urbano**. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, v. 6, n. 2, 2017.
- WUERGES E. W.; SIMONS A. A. **Feiras Livres como uma forma de popularizar a produção e o consumo de hortifrutigranjeiros produzidos com base na Agroecologia**. Revista Brasileira de Agroecologia, v.2 N. 2., 2007.